

DAVE EGGERS

# O Círculo

*Romance*

*Tradução*  
Rubens Figueiredo



Copyright © 2013 by Dave Eggers  
Todos os direitos reservados

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

## Título original The Circle

Capa  
Jessica Hische

Preparação  
Fabricio Waltrick

*Revisão  
Jane Pessoa  
Ana Maria Barbosa*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Eggers, Dave  
O Círculo : romance / Dave Eggers ; tradução Rubens Figueiredo. —  
1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2014.

Título original: The Circle  
ISBN 978-85-359-2478-7

1. Ficção norte-americana I. Título.

**Índice para catálogo sistemático:**

[2014]  
Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORASCHWARCZ S.A.  
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32  
04532-002 — São Paulo — SP  
Telefone: (11) 3707-3500  
Fax: (11) 3707-3501  
[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)  
[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

Meu Deus, pensou Mae. É o paraíso.

O campus era vasto e disperso. Frenético em sua coloração do Pacífico e no entanto os mínimos detalhes tinham sido cuidadosamente calculados, modelados pelas mãos mais eloquentes. Num terreno que no passado fora um estaleiro, depois um cinema drive-in, depois um mercado de pulgas, depois um terreno baldio, havia agora colinas verdes e uma fonte de Calatrava. E uma área de piquenique com mesas dispostas em círculos concêntricos. E quadras de tênis, de saibro e grama. E uma quadra de vôlei, onde crianças muito pequenas da creche da empresa estavam correndo, berrando, ziguezagueando como água. Em meio a tudo isso havia também um lugar de trabalho, quatrocentos acres de aço escovado e vidro na sede da empresa mais influente no mundo. No alto, o céu era azul e imaculado.

Mae seguia seu caminho no meio de tudo aquilo, caminhava do estacionamento para o salão principal, tentando apresentar que fazia parte do lugar. A calçada serpenteava entre as laranjeiras e os limoeiros. Suas silenciosas pedras vermelhas haviam sido

substituídas, em certos trechos, por ladrilhos com suplicantes mensagens inspiradoras. “Sonhe”, dizia uma delas, a palavra cortada a laser nas pedras vermelhas. “Participe”, dizia outra. Havia dúzias: “Descubra a comunidade”. “Inove.” “Imagine.” Por muito pouco Mae não pisou na mão de um jovem de macacão cinzento; ele estava fixando uma pedra nova, que dizia: “Respire”.

Numa segunda-feira ensolarada de junho, Mae parou na frente da porta principal, embaixo do logo gravado no alto do vidro. Embora a empresa tivesse menos de seis anos de existência, seu nome e seu logo — um círculo em torno de uma grade entrelaçada, com um pequeno “c” no centro — já figuravam entre os mais conhecidos mundialmente. Ali, no campus principal, havia mais de dez mil empregados, mas o Círculo tinha escritórios em todo o mundo e toda semana contratava centenas de mentes jovens e talentosas. Por quatro anos seguidos, fora eleita a empresa mais admirada do mundo.

Mae não imaginaria ter chance de trabalhar num lugar como aquele, se não fosse por Annie. Annie era dois anos mais velha. As duas moraram juntas no mesmo alojamento na faculdade durante três semestres, em um prédio feio que se tornara habitável graças ao extraordinário vínculo entre elas, em parte amigas, em parte irmãs, ou primas que gostariam de ter sido irmãs, e que tinham motivos para nunca se separar. No primeiro mês em que moraram juntas, Mae quebrou o maxilar ao escurecer, depois de ter sofrido um desmaio, dominada pela gripe e mal alimentada, na época das provas finais. Annie dissera para ela ficar na cama, mas Mae fora ao 7-Eleven atrás de cafeína e acordou na calçada, embaixo de uma árvore. Annie levou-a para o hospital e esperou enquanto costuravam seu maxilar, e depois ficou ao lado de Mae, dormindo perto dela a noite toda numa cadeira de madeira, e depois em casa, durante dias, alimentou Mae por um canudo. Era um nível ardoroso de compromisso e

competência que Mae nunca tinha visto em ninguém da sua idade ou da sua faixa de idade e, daí em diante, Mae dedicou-se à amiga de uma forma que ela nunca havia imaginado ser capaz.

Enquanto Mae ainda estava em Carleton, saltando de um curso para outro, de história da arte para marketing e para psicologia — diplomou-se em psicologia, sem ter nenhum plano de seguir carreira naquele ramo —, Annie se formou, fez o MBA em Stanford e foi chamada para trabalhar em toda parte, mas em especial no Círculo, e conseguiu a vaga ali dias depois da formatura. Agora Annie tinha um título pomposo — diretora de Garantia do Futuro, brincava ela — e insistiu para que Mae se candidatasse a uma vaga. Mae fez isso e, embora Annie tenha garantido que não havia mexido os pauzinhos lá dentro, Mae tinha certeza de que mexera, e se sentia em dívida com ela, para além de todas as medidas. Um milhão de pessoas, um bilhão, queriam estar onde Mae estava naquele momento, entrando naquele átrio de dez metros de altura, atravessado pela luz da Califórnia, em seu primeiro dia de trabalho na única empresa que interessava de verdade.

Ela empurrou e abriu a porta pesada. O hall de entrada era comprido como uma pista para desfiles, e alto como uma catedral. Acima dele, havia escritórios em toda parte, quatro andares de altura dos dois lados, todas as paredes feitas de vidro. Ligeiramente tonta, Mae olhou para baixo e, no imaculado piso lustroso, viu o próprio rosto refletido, com ar preocupado. Ela moldou na boca um sorriso, sentindo uma presença atrás de si.

“Você deve ser a Mae.”

Mae voltou-se para uma linda cabeça jovem que flutuava acima de uma echarpe vermelha viva e de uma blusa de seda branca.

“Sou Renata”, disse ela.

“Oi, Renata. Estou procurando...”

“Annie. Eu sei. Ela já está vindo.” Um som — uma gotinha digital — emanou da orelha de Renata. “Na verdade, ela está...” Renata olhava para Mae, mas via outra coisa. Interface retiniana, supôs Mae. Mais uma inovação nascida ali.

“Ela está no Velho Oeste”, disse Renata, focalizando Mae outra vez. “Mas estará aqui em breve.”

Mae sorriu. “Espero que ela tenha levado bolachas de água e sal e um cavalo robusto.”

Renata sorriu educadamente, mas não riu. Mae conhecia a prática da empresa de batizar cada parte do campus com o nome de uma época histórica; era uma forma de tornar aquele enorme lugar menos impessoal, menos corporativo. Era bem melhor que o Edifício 3B-Leste, onde Mae havia trabalhado em seu emprego anterior. O último dia na empresa de serviço público em sua cidade natal tinha sido apenas três semanas antes — ficaram estupefatos quando ela deu a notícia —, mas já parecia impossível que Mae tivesse desperdiçado tanto tempo de sua vida lá. Já vai tarde, pensou ela sobre aquele gulag e tudo o que ele representava.

Renata continuava a receber sinais de seu fone. “Ah, espere”, disse ela. “Agora Annie está dizendo que ainda vai ficar presa por lá.” Renata olhou para Mae com um sorriso radiante. “Por que não vamos para sua mesa? Ela diz que encontra você lá daqui a mais ou menos uma hora.”

Mae sentiu um pequeno tremor de emoção ao ouvir aquelas palavras, *sua mesa*, e imediatamente pensou no pai. Ele estava orgulhoso. *Muito orgulhoso*, dissera no correio de voz de Mae; ele deve ter deixado o recado às quatro da manhã. Mae ouviu a mensagem quando acordou. *Muito orgulhoso mesmo*, dissera ele, perdendo a fala. Fazia dois anos que Mae terminara a faculdade e lá estava ela, em um emprego remunerado no Círculo, com

seguro-saúde, apartamento na cidade, sem ser um fardo para os pais, que já tinham muitas outras preocupações.

Mae seguiu Renata e saiu do átrio. No gramado, sob a luz matizada, um par de jovens estava sentado numa colina artificial, segurando uma espécie de prancheta transparente e falando com muita veemência.

“Você vai ficar no Renascimento, logo ali”, disse Renata, apontando para o outro lado do gramado, para um prédio de vidro e cobre oxidado. “Ali é onde fica todo o pessoal de Experiência do Cliente. Você já esteve lá?”

Mae fez que sim com a cabeça. “Já. Algumas vezes, mas não nesse prédio.”

“Então você viu a piscina, a área de esportes.” Renata apontou na direção de um paralelogramo azul e de um prédio anguloso, o ginásio, que se erguia por trás. “Lá daquele lado tem um estúdio de ioga, *crossfit*, pilates, massagens, *spinning*. Ouvi falar que você faz *spinning*, não é? E atrás disso tudo ficam as quadras de bocha e a nova quadra de espirobol. A lanchonete do outro lado do gramado...” Renata apontou para os exuberantes morros verdes, com um punhado de jovens vestidos de maneira formal e jogados no gramado, como se estivessem tomando banho de sol. “E aqui estamos.”

Pararam diante da Renascimento, outro prédio com um átrio de doze metros de altura. Um mólide de Calder rodava suavemente no alto.

“Ah, eu adoro o Calder”, disse Mae.

Renata sorriu. “Sei que adora.” Ergueram os olhos para o mólide outra vez. “Esse aí ficava no Parlamento francês. Ou algo assim.”

O vento que as seguira até ali agora fez o mólide girar dando a impressão de que um braço apontava para Mae e dava boas-vin-

das a ela pessoalmente. Renata segurou-a pelo cotovelo. “Está pronta? Por aqui.”

Entraram num elevador de vidro, com um leve matiz de laranja. Luzes piscaram e Mae viu seu nome aparecer nas paredes, junto com uma fotografia sua publicada no livro do ano do colégio onde cursara o ensino médio. BEM-VINDA, MAE HOLLAND. Um som, algo como um arquejo, escapou da garganta de Mae. Fazia anos que não via aquela fotografia e estivera feliz com sua ausência. Aquilo devia ser coisa de Annie, atacá-la de novo com a fotografia. A imagem era de fato de Mae — a boca larga, os lábios finos, a pele morena, o cabelo preto, mas na fotografia, ainda mais do que na vida real, as maçãs do rosto lhe davam um ar de severidade, os olhos castanhos não eram sorridentes, apenas pequenos e frios, prontos para a guerra. Desde que a foto fora tirada — ela tinha dezoito anos na época, era raivosa e insegura —, Mae tinha ganhado o peso necessário, o rosto se suavizara e as curvas apareceram, curvas que atraíam a atenção de homens de diferentes idades e motivações. Desde o tempo do colégio, ela havia tentado ser mais aberta, mais receptiva, mas ver ali aquele documento de uma era remota, quando ela esperava o pior do mundo, deixou-a abalada. No instante em que Mae já não conseguia mais suportar a fotografia, a imagem desapareceu.

“Sim, tudo está nos sensores”, disse Renata. “O elevador lê sua identificação e então dá boas-vindas. Annie nos forneceu essa fotografia. Vocês duas devem ser muito ligadas para ela ter fotos suas do colégio. De todo modo, espero que não se importe. Fazemos isso sobretudo para os visitantes. Normalmente, eles ficam impressionados.”

Enquanto o elevador subia, as atividades programadas do dia apareciam em todas as suas paredes. As imagens e o texto viajavam de uma parede para a outra. Para cada anúncio, havia um vídeo, fotografias, animação, música. Eles teriam uma projeção

de *Koyaanisqatsi* ao meio-dia, uma demonstração de automassagem à uma hora, fortalecimento do *core* às três. Um congressista grisalho mas jovem, de quem Mae nunca tinha ouvido falar, ia participar de um debate aberto ao público às seis e meia. Na porta do elevador, ele falava em cima de um palanque, em outro lugar, bandeiras ondulavam acima dele, as mangas da camisa arregaçadas e as mãos fechadas em punhos fervorosos.

As portas abriram, partindo o congressista ao meio.

“Aqui estamos”, disse Renata, seguindo para uma estreita passarela de grade de aço. Mae olhou para o chão e sentiu um aperto no estômago. Dava para ver o térreo, quatro andares abaixo.

Ela tentou se mostrar descontraída: “Aposto que não trazem para cá ninguém que sofra de vertigem”.

Renata parou e virou-se para Mae, com ar de séria preocupação. “Claro que não. Mas seu perfil diz...”

“Não, não”, disse Mae. “Está tudo bem.”

“Sério. Podemos instalar você num andar mais baixo se...”

“Não, não. De verdade. Está ótimo. Desculpe, eu estava fazendo uma brincadeira.”

Renata ficou visivelmente abalada. “Tudo bem. Mas me diga se alguma coisa estiver errada.”

“Pode deixar.”

“Você me avisa mesmo? Porque a Annie quer que eu tenha certeza.”

“Aviso. Prometo”, respondeu Mae, e sorriu para Renata, que se recompôs e seguiu em frente.

A passarela levava ao piso principal, largo, com janelas, cortado por um corredor comprido. De ambos os lados, os escritórios defrontavam-se com vidraças que iam do chão ao teto, os ocupantes visíveis lá dentro. Todos tinham decorado seu espaço rebuscadamente, mas com bom gosto — um escritório estava repleto de objetos náuticos, a maior parte deles parecia pairar no ar, suspen-

sos nas vigas expostas; outro era todo ornamentado com bonsais. As duas passaram por uma pequena cozinha, as prateleiras e os armários feitos de vidro, os talheres magnéticos, presos à geladeira numa grade bem-arrumada, tudo iluminado por um vasto lustre de vidro soprado feito à mão, radiante, com lâmpadas coloridas, seus braços abertos em laranja, pêssego e rosa.

“Pronto, aqui está.”

Pararam num cubículo cinzento, pequeno, revestido de um tecido semelhante a um linho sintético. O coração de Mae fraquejou. Era quase exatamente igual ao cubículo onde ela havia trabalhado nos últimos dezoito meses. Era a primeira coisa que via no Círculo que não tinha sido repensada, que guardava alguma semelhança com o passado. O tecido que revestia as paredes do cubículo era — ela não conseguia acreditar, não parecia possível — aniagem.

Mae sabia que Renata estava olhando para ela e sabia que seu rosto revelava algo como o horror. *Sorria, pensou. Sorria.*

“Está bom?”, perguntou Renata, enquanto seus olhos percorriam todo o rosto de Mae.

Mae obrigou a boca a exprimir algum grau de satisfação. “Ótimo. Muito bonito.”

Não era o que ela esperava.

“Então, está certo. Vou deixar você sozinha para se familiarizar com seu lugar de trabalho. Daqui a pouco Denise e Josiah virão orientar e instalar você.”

Mae torceu a boca de novo num sorriso. Renata deu meia-volta e foi embora. Mae sentou, notou que o espaldar da cadeira estava meio quebrado, que a cadeira não se mexia, as rodinhas pareciam travadas, todas elas. Um computador tinha sido colocado sobre a mesa, mas era um modelo muito antigo, que ela não tinha visto em lugar nenhum daquele prédio. Mae estava perplexa.

xa e via seu estado de ânimo afundar no mesmo tipo de abismo em que ela havia passado os últimos anos.

Alguém ainda trabalhava de fato numa empresa de serviço público? Como Mae tinha ido parar lá? Como tinha conseguido suportar? Quando as pessoas perguntavam onde ela trabalhava, Mae se sentia mais inclinada a mentir e dizer que estava desempregada. Teria sido melhor se Mae não estivesse em sua cidade natal?

Depois de mais ou menos seis anos de aversão por sua cidade, amaldiçoando os pais por terem se mudado para lá e sujeitá-la àquele lugar, a suas limitações e à escassez de tudo — diversão, restaurantes, mentes esclarecidas —, Mae havia se lembrado recentemente de Longfield com algo similar à ternura. Era uma cidade pequena entre Fresno e Tranquillity, constituída e batizada por um fazendeiro de pouca imaginação, em 1866. Cento e cinquenta anos depois, sua população tinha alcançado pouco menos de duas mil almas, a maioria trabalhando em Fresno, a trinta e dois quilômetros de distância. Longfield era um lugar barato para morar. Os pais dos amigos de Mae eram seguranças, professores, caminhoneiros que gostavam de caçar. Dos oitenta e um alunos na turma da formatura de Mae, ela foi um dos doze que entraram numa faculdade para um curso de quatro anos, e a única que foi para além do leste do Colorado. O fato de ter ido tão longe, e ter feito uma dívida tão grande, só para voltar e trabalhar na empresa de serviço público local deixava Mae arrasada, e também seus pais, embora exteriormente dissessem que ela estava fazendo o que era correto, aproveitando uma oportunidade sólida para começar a saldar suas dívidas.

O prédio da empresa, 3B-Leste, era um lamentável bloco de cimento com estreitas fendas verticais como janelas. Por dentro,

a maioria dos escritórios tinha paredes feitas de blocos de concreto, tudo pintado de um verde enjoativo. Era como trabalhar num vestiário. Mae era a pessoa mais jovem em todo o edifício, com cerca de uma década de diferença, e mesmo aqueles que estavam na casa dos trinta anos eram de outro século. Eles ficavam maravilhados com os conhecimentos dela em computação, que eram básicos e elementares entre todas as pessoas que ela conhecia. Mas seus colegas de trabalho ficavam assombrados. Chamavam Mae de *Relâmpago Negro*, uma referência indireta a seu cabelo, e lhe diziam que ela tinha *um futuro brilhante* na empresa, se soubesse aproveitar as oportunidades. Em quatro ou cinco anos, diziam-lhe, ela poderia ser a chefe do setor de TI de toda a subestação! A irritação de Mae não tinha limites. Ela não havia terminado a faculdade e pagado duzentos e trinta e quatro mil dólares por uma educação de elite para no final acabar num emprego como aquele. Mas era um emprego e ela necessitava de dinheiro. Seus empréstimos para estudar eram vorazes e precisavam ser alimentados mensalmente, portanto ela aceitou o emprego e o salário, mas ficava de olhos bem abertos para pastagens mais verdejantes.

Seu supervisor imediato era um homem chamado Kevin, que exercia a função ostensiva de encarregado de tecnologia na empresa, mas que, numa estranha distorção, nada sabia de tecnologia. Conhecia cabos, separadores de saída; ele devia estar operando um radioamador no porão de sua casa e não supervisionando Mae. Todo dia, todo mês, ele vestia as mesmas camisas de manga curta e colarinho abotoado, as mesmas gravatas cor de ferrugem. Ele era uma tremenda agressão aos sentidos, seu bafo tinha cheiro de presunto e seu bigode, eriçado e torto, era como duas pequeninas patas que emergiam, uma para o sudoeste, outra para o sudeste, de suas narinas sempre dilatadas.

Tudo aquilo estaria muito bem, suas numerosas ofensas, se

não fosse o fato de ele realmente acreditar que Mae levava aquele trabalho a sério. Ele achava que Mae, formada em Carleton, com seus sonhos raros e dourados, dava importância àquele emprego na companhia de gás e eletricidade. Que ela ficaria preocupada se algum dia Kevin julgasse que seu desempenho estava abaixo da média. Aquilo a deixava louca.

As vezes em que Kevin pedia para Mae entrar em seu gabinete, fechando a porta e sentando na ponta de sua mesa, eram momentos torturantes. *Você sabe por que está aqui?*, ele perguntava, como se fosse um policial rodoviário que mandara Mae parar o carro no acostamento. Outras vezes, quando estava satisfeito com algum trabalho que ela fizera naquele dia, Kevin fazia algo pior: a *elogiava*. Chamava-a de sua *protégée*. Ele adorava a palavra. Apresentava Mae aos visitantes assim: “Esta é minha *protégée*, Mae. É muito sabida, quase sempre” — e então piscava o olho para ela, como se fosse um capitão e ela seu imediato, ambos veteranos de muitas aventuras turbulentas e sempre dedicados um ao outro. “Se ela não se atrapalhar, tem um grande futuro à sua frente por aqui.”

Mae não conseguia suportar. Todos os dias naquele emprego, durante os dezoito meses em que tinha trabalhado ali, ela se perguntava se podia de fato pedir um favor para Annie. Nunca fora o tipo de pessoa capaz de pedir algo assim, ser salva, ser içada. Era uma espécie de exigência, de insistência, de *impetuosidade* — seu pai chamara assim —, algo que não fazia parte de sua natureza. Seus pais eram pessoas sossegadas, que não gostavam de ficar no caminho de ninguém, pessoas sossegadas e orgulhosas que não pediam nada a qualquer um.

E Mae era do mesmo jeito, mas aquele emprego a forçava a ser outra coisa, a ser alguém que faria tudo para ir embora dali. Era de dar enjoo tudo aquilo. Os blocos de concreto verdes. Um bebedouro de água gelada de verdade. Cartões perfurados de

verdade. *Certificados de mérito* de verdade, quando alguém fazia alguma coisa considerada especial. E as horas! Das nove às cinco, de verdade! Tudo aquilo dava a sensação de uma coisa de outro tempo, de um tempo merecidamente esquecido, e fazia Mae sentir não apenas que ela estava desperdiçando sua vida, mas que aquela empresa toda era um desperdício de vida, um desperdício de potencial humano, e que retardava o movimento giratório da Terra. O cubículo naquele lugar, *seu* cubículo, era a destilação de tudo aquilo. As paredes baixas à sua volta, feitas para facilitar sua concentração total no trabalho, estavam revestidas de aniagem, como se qualquer outro material pudesse distraí-la, pudesse conter alusões a maneiras mais exóticas de passar seus dias. E assim ela havia vivido dezoito meses num escritório onde eles achavam que, entre todos os materiais que o homem e a natureza ofereciam, aquele que seus funcionários deveriam ver, o dia todo e todos os dias, era a aniagem. Ah, meu Deus, pensou Mae, pois quando deixou aquele lugar jurou nunca mais ver, tocar ou tomar conhecimento da existência daquele pano.

E ela não esperava ver aquilo outra vez. Com que frequência, fora do século XIX, fora de um armazém do século XIX, alguém poderia deparar com aniagem? Mae supôs que nunca mais veria aquilo, porém lá estava ela, à sua volta, em todos os lados, em seu novo espaço de trabalho no Círculo, olhando para aquilo, sentindo seu cheiro de mofo; os olhos de Mae se encheram de água. “Merda de aniagem”, resmungou para si mesma.

Atrás, Mae ouviu um suspiro e depois uma voz: “Agora estou achando que essa ideia não foi lá muito boa”.

Mae virou-se e viu Annie, as mãos fechadas e apoiadas nos quadris, numa pose de criança birrenta. “Merda de aniagem”, disse Annie, imitando o beicinho de Mae, e depois soltou uma gargalhada. Quando terminou de rir, ela conseguiu dizer: “Isso foi incrível. Muito obrigada por isso, Mae. Eu sabia que você ia

detestar, mas eu queria ver até que ponto. Desculpe por ter feito você quase chorar. Nossa!”.

Agora Mae olhou para Renata, cujas mãos estavam erguidas num gesto de rendição. “Não foi ideia minha!”, disse ela. “Annie me colocou nessa! Não me odeie!”

Annie suspirou de satisfação. “Na verdade eu tive de *comprar* este cubículo no Walmart. E o computador! Levei um século para encontrar na internet. Achei que a gente podia simplesmente trazer um troço assim lá do porão ou de algum depósito, mas honestamente não tínhamos nada em todo o campus que fosse tão feio ou tão velho assim. Ah, meu Deus, você precisava ter visto a sua cara.”

O coração de Mae estava batendo com força. “Você é muito maluca mesmo.”

Annie se fez de desentendida. “Eu? Não sou maluca. Sou incrível.”

“Não consigo acreditar que se deu a esse trabalho só para me perturbar.”

“Bem, fiz isso mesmo. Foi assim que cheguei onde estou. É tudo uma questão de planejamento e execução.” Piscou o olho para Mae, como se fosse uma vendedora. Mae não pôde deixar de rir. Annie era mesmo uma pirada. “Agora vamos. Vou fazer um tour completo com você.”